

Uma Proposta para o Funcionamento da Homeopatia

Omar Geraldo Lopes Diniz

Médico Psiquiatra e Homeopata - Membro do Instituto Hahnemanniano do Brasil

Rio de Janeiro - RJ

e-mail: ogld@highway.com.br

Uma Proposta Para o Funcionamento da Homeopatia

A Homeopatia é um método terapêutico que, como sabe todo homeopata, quase todo leigo e qualquer médico de outra especialidade que tenha olhos para ver, funciona. O modo como funciona já teve muitas teorias e várias demonstrações, desde Hahnemann³, passando por vários mestres de várias nacionalidades, até, mais recentemente, os estudos de Roberto Costa¹, com suas experiências com nosódios vivos e toda a sua excelente explanação, que se passou a chamar de Escola Homeopática Brasileira. Portanto, *se* funciona e *como* funciona, está muito bem estabelecido.

Mas o que causa uma polêmica infinita desde sua origem, e particularmente após o estabelecimento do número de Avogrado, é *o porque* funciona. Este é o grande problema que causa uma imensa resistência aos médicos de outras especialidades e a muitas criaturas que se intitulam cientistas, porque elas não são capazes de compreender um processo pelo qual um medicamento, em muitos casos diluído ao ponto de não conter mais nenhuma molécula da substância original, é capaz de produzir um efeito, somente por causa de um processo obscuro chamado dinamização. Pelo argumento destas pessoas, o veículo teria mais efeito que a substância medicamentosa em si. Este argumento é muito lógico, desde que se parta de uma premissa usual. Muitos homeopatas usam o termo *holística* para justificar tal efeito, o que provoca uma descrença maior ainda nos adversários do tratamento.

Do ponto de vista do autor, a ambos lados faltam elementos, de modo que esta polêmica não pode ter solução; do lado dos cientificistas, falta ater-se ao paradigma básico do método científico: deve ser provado *o sim* ou *o não*, e um não exclui o outro — se *o sim* não pode ser provado, isto não torna *o não* automaticamente a resposta, deve-se obrigatoriamente provar *o não*. Do lado dos homeopatas, o termo *holística* implica numa visão que deve levar em consideração *todos* os lados de uma questão — inclusive o lado da ciência de seus opositores. E não se pode negar ou ignorar fatos científicos plenamente comprovados.

Deste modo, chega-se ao impasse: a homeopatia não tem por que funcionar. E no entanto, funciona. Pode-se falar em placebo até a exaustão, mas a prática de veterinária homeopática simplesmente elimina esta possibilidade, mesmo que não houvesse outros casos muito bem documentados.

Se a homeopatia definitivamente funciona, e pode-se até compreender e demonstrar o como ela faz seus efeitos, e do mesmo modo não pode haver um efeito medicamentoso sem que haja uma substância química para produzir tal efeito, se isso é quimicamente impossível, porque então ela funciona? Apesar da resistência dos médicos — qualquer médico — em pensar fora de suas áreas usuais de atuação, se um tratamento produz um efeito biológico sem ter um “mediador” químico, a única possibilidade é que esteja havendo um “mediador” físico. Afinal, o que é a química senão uma física muito especializada, de relações entre moléculas através de seus átomos e das partículas subatômicas que os compõem? O fato de não haver uma solução para esta questão talvez resuma-se em haver muito poucos médicos que se interessem em compreender física subatômica tanto quanto muito poucos físicos que se interessem em compreender medicina.

Parece muito bem estabelecido que a única diferença entre um produto diluído até concentrações que não permitem a existência de nenhuma molécula e um medicamento homeopático na mesma diluição é o processo de dinamização. E o que faz o processo de dinamização? “Desperta a energia”? Nestes termos, que cientista aceitaria tal declaração? Qual o processo envolvido nisso? Se for olhada com atenção, a dinamização consiste em um movimento repetitivo, com uma certa força que não se altera, que não se altera em tempo de ciclo, amplitude de movimento, amortecimento no final do movimento. No caso da máquina de fluxo contínuo, o mesmo se aplica. Este processo é idêntico em forma ao que produz um efeito físico conhecido desde a física ondulatória mais elementar, que se chama de ressonância⁵. Com um pequeno conhecimento de física ondulatória, sabe-se que a ressonância é uma espécie de reverberação que pega uma onda qualquer e a amplia de um modo geral, tanto em amplitude quanto em frequência. Portanto, podemos presumir que o que a dinamização faz é este efeito. Mas isso produziria tal efeito em qualquer onda, tanto do medicamento quanto do veículo. Qual a solução? Desprezar o conteúdo do frasco e manter apenas uma parte, preenchendo novamente com veículo não dinamizado. O que acontece então? Reinicia-se o processo, novamente com ressonância. Todas as ondas vão ser ampliadas outra vez. Mas a parte que já estava ampliada da dinamização anterior vai ser a maior, e dominar sobre as outras, e quanto maior a dinamização, maior será a onda original, todas as demais sendo muito menores, sempre. O frasco do medicamento, ou o eixo giratório da máquina de fluxo contínuo, atuarão portanto como o que se chama em física subatômica de poço de potencial quadrado^{2,4}, ou seja, uma barreira que aprisiona uma onda e a mantém indefinidamente. Colocada desta forma, a proposição parece satisfazer a ambos os lados da questão.

Porém, resta um problema: que onda é esta a que é ampliada e aprisionada?

Na homeopatia, a experimentação no homem são — patogenesia — após um período inicial, passou a ser feita a partir de material já dinamizado, o que produziu muitas vezes efeitos não observados no uso da

substância em forma natural, ou seja, o efeito do material dinamizado produziu muitas vezes resultados completamente diferentes do efeito químico do material *in natura*. Portanto, o que é visto numa patogenesia é o efeito causado pelo material já dinamizado, ou seja, o efeito daquela onda referida acima, e não o efeito da química da substância em si. Às vezes ambos efeitos são similares, ou até idênticos, mas muitas vezes são completamente diferentes. Portanto, a patogenesia não é baseada na química, mas na física, tanto quanto o são os processos de cura homeopáticos. Nada baseado numa simples química $2 + 2$, mas nos efeitos do material já manipulado. Se esta manipulação produz uma amplificação por ressonância de uma onda, e sabendo-se que todas as propriedades de uma substância são definidas pelas conformações de suas partículas a cada momento, levando em conta a dualidade partícula-onda, podemos presumir que a onda em questão nada mais é do que a onda resultante da soma de todas as ondas/partículas da dada substância, ou seja, a onda ampliada seria a onda quântica daquela substância, uma coisa que poderíamos definir como sua assinatura quântica, uma propriedade específica de cada amostra de substância única utilizada para a manufatura do medicamento. Deste modo, jamais dois vidros de um medicamento homeopático, digamos *Sulphur*, seriam exatamente iguais, mas como são feitos com substâncias o mais próximas possível, e com manipulação o mais próxima possível, o efeito de dois frascos diferentes de *Sulphur* seriam diferentes, mas muito mais próximos do que, por exemplo, um de *Sulphur* e um de *Natrum*. As assinaturas quânticas seriam muito mais parecidas entre os *Sulphur*, embora jamais iguais.

Todo o ensaio aqui relatado é apenas uma hipótese, a qual o autor pretendia testar; porém, por motivos pessoais, foi obrigado a abandonar o projeto. Este relato é apenas uma tentativa de divulgar as proposições para um possível teste por parte de outrem, evitando o olvido da possibilidade.

Haveria um meio de ser testada a hipótese, no momento? Uma proposição possível é a de utilização de uma tecnologia similar à ressonância magnética nuclear. Em termos simples, o que o aparelho faz em uma ressonância magnética nuclear é gerar um forte campo magnético sobre a amostra, que provoca um alinhamento dos spin das partículas desta com o campo magnético, que é interrompido a seguir, de modo que quando as partículas voltam a seu estado anterior ao campo, emitem um *quantum* de energia que é interpretado pelo computador, dando uma imagem do total destas partículas, que é reconhecido como o tecido da amostra em questão, qualquer que seja. Este tipo de tecnologia poderia, de uma forma simples, ser aplicado em uma substância matriz de um medicamento homeopático para gerar este *quantum* com a assinatura quântica desta substância, passando por um amplificador semelhante ao do aparelho de ressonância magnética. Obviamente, a tecnologia dos computadores necessários para avaliar o resultado está além das possibilidades do autor e, possivelmente, também além das possibilidades monetárias de um experimentador, embora recentemente os experimentos de Pozetti e colaboradores^{6,7} pareçam reforçar completamente as hipóteses acima apresentadas, com algum conhecimento a respeito de como os dados possam ser interpretados.

Mas, como outra alternativa, talvez fosse possível utilizar uma onda carreadora, talvez a luz de um estroboscópio, para projetar a onda em um veículo neutro, e depois testar o medicamento assim produzido. Se tudo estiver correto, este medicamento deveria ter um efeito idêntico ao do medicamento homeopático produzido com a mesma substância com a manipulação tradicional. Poderia ser possível, até mesmo, gravar a assinatura quântica da substância em uma mídia comum, como fita magnética ou CD, e mesmo ser transmitida via rádio ou de qualquer outra forma instantânea. Isso se confirmando, pode-se imaginar um futuro não muito distante onde não haveria a necessidade de manipular medicamentos homeopáticos, e onde poder-se-ia utilizar exatamente a mesma amostra de substância em todos os tratamentos, tendo um controle absoluto sobre o resultado, utilizando apenas um amplificador para definir a dinamização desejada, e um projetor para produzir o medicamento, ou até mesmo para projetar diretamente sobre o paciente, produzindo o efeito utilizando um veículo físico, ao invés de um químico, como se faz hoje em dia. Neste caso, as possibilidades são infinitas, tanto para tratamentos como para experimentação de novos medicamentos.

Bibliografia Consultada:

- 1.COSTA, R. A., **Homeopatia Atualizada - Escola Brasileira**, 3ª Edição Aumentada, Petrópolis, 1988
- 2.EISBERG, R., e RESNICK, R., **Física Quântica: Átomos, Moléculas, Sólidos, Núcleos e Partículas**, Tradução de "Quantum Physics of Atoms, Molecules, Solids, Nuclei and Particles", 4ª Edição, 1ª Reimpressão, Campus, 1988
- 3.HAHNEMANN, S., **Organon da Arte de Curar**, Tradução da 6ª Edição Alemã, 4ª Reimpressão Brasileira, Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit Mure", 1989
- 4.LOPES, J. L., **A Estrutura Quântica da Matéria: Do Átomo Pré-Socrático Às Partículas Elementares**, 1ª Edição, Editora UFRJ, 1992
- 5.NUSSENZVEIG, H. M., **Curso de Física Básica 2 - Fluidos, Oscilações e Ondas, Calor**, 2ª Edição, Edgard Blücher, 1990
- 6.POZETTI, G. L., e BORALLE, N., **Determinação, via RMN, do Efeito do Número de Sucussões Sobre Solução de Cloreto de Mercúrio**, *Homeopatia Brasileira*, 3 (2):357, IHB, 1997
- 7.POZETTI, G. L., **Pesquisa Farmacêutica em Homeopatia**, *Homeopatia Brasileira*, 3 (2):356, IHB, 1997.